

# PALAVRAS QUE CRIAM: A CONSTRUÇÃO DOS *BLACK BLOCS* PELA IMPRENSA, OU 'QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU?'<sup>1</sup>

Eduardo Marangoni Canesin<sup>2</sup>

“No começo a Palavra já existia... Tudo foi feito por meio dela e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela... A Palavra estava no mundo, o mundo foi feito por meio dela” (JO 1:1-10).

## I. Palavras iniciais sobre as palavras.

Nesse ensaio, falaremos sobre palavras. Palavras que criam e destroem. Palavras que informam e deformam. Palavras. Mas não apenas palavras. Faremos várias indagações, mas teremos poucas respostas. Há coisas importantes a saber. Dentre elas, “quem tem medo do lobo mau?”.

Mas quem é o lobo mau?

“- Ele é” seria uma resposta adequada. “Quem é ele?”, uma pergunta indecente. Que seja a Eurásia agora e a Lestásia<sup>3</sup> depois, ou ambas agora e outras depois. O que importa, tão somente, é que para um “nós” deve haver um “eles”, nossos antípodas, antagonistas e receptáculos da antipatia. Um mal distante (mas nem tanto) que está sempre ao leste – desde que estejamos ao oeste – ou oeste – se estivermos ao leste –, mas que não está nunca junto de nós. Não é um de nós, e nós não somos um deles, afinal, se todos são iguais, uns são mais iguais do que outros<sup>4</sup>.

O mal de que trataremos, dessa vez, é aquele que se refere aos *black blocs*, lobos vorazes que atacam (devoram) a moral e os bons costumes (desde que entendamos por esses termos ônibus e caixas eletrônicos). Criaturas sinistras. Monstros malvados. Lobos maus.

Mas quem tem medo do lobo mau?

O presente ensaio terá como questão central o estudo dos discursos de verdade que giram em torno dos *black blocs*, vendo como tais personagens são construídos: por eles próprios, mas, principalmente, pela mídia, atentando para a forma como são desenhados (depois de uma rápida “troca de inimigos”,

---

<sup>1</sup> O presente ensaio foi apresentado como trabalho final da disciplina “Leituras de Monografias Antropológicas”, no primeiro semestre de 2014, sob orientação da Professora Doutora Carolina de Camargo Abreu.

<sup>2</sup> Estudante de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP).

<sup>3</sup> Alusão à obra *1984*, de George Orwell.

<sup>4</sup> Alusão à obra *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell.

como teremos a chance de ver).

Veremos como são construídos, observaremos os discursos divergentes e semelhantes, porém, não tentaremos colocar um como verdadeiro, em detrimento dos demais. Todos têm seus efeitos de verdades, para suas determinadas platéias. Em outras palavras, a questão central do trabalho será a construção dos *black blocs*, sobretudo pelos discursos midiáticos.

Antes de analisar a forma como os *black blocs* foram construídos pela imprensa, veremos como são construídos por si mesmos, através da análise dos *Black blocs papers*, publicação estadunidense independente que versa sobre o tema, buscando explicar sobre as origens, ações e táticas do(s) grupo(s) que se designam (ou são designados) como tal.

Após esse primeiro momento, veremos como a mídia construiu uma imagem a respeito das manifestações de junho de 2013, ocorridas em diversas partes do Brasil, e como mudou essa construção, tão logo mostrou-se necessário. Só então discutiremos como a imprensa construiu a imagem dos *black blocs*, a Eurásia da vez: nossos inimigos de sempre, odiados para sempre, até que surja o próximo inimigo eterno.

Para desenvolver essas seções, analisar-se-á algumas notícias veiculadas pela mídia impressa, discussões levantadas pelo ex-jornalista do *Estadão* Bruno Paes Manso (atual pós-doutorando do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo) e questões propostas pelos repórteres que tiveram forte atuação durante a cobertura das manifestações de junho, que estiveram presentes durante o *workshop* intitulado *Mídia, Violência e Direitos Humanos nas Manifestações de Junho*, coordenado por Vitor Blotta (pós-doutorando do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo e professor da Escola de Comunicações e Artes), e que contou com a participação da repórter Giuliana Vallone (alvejada no olho pela polícia durante as manifestações).

Após isso, refletiremos sobre a construção dos *black blocs*, por eles mesmos e pela mídia, vendo possíveis convergências e divergências, sem perder de vista o fato de que as construções analisadas foram feitas por *uma parte* dos jornalistas da mídia (não por um ser abstrato e uno), bem como as autopercepções analisadas se referem a *uma parcela* dos *black blocs* dos EUA, de modo que não esgotam – nem se mostram como representativas – as possibilidades de percepção enquanto *black bloc*, sobretudo se tivermos em conta que o grupo não tem uma hierarquia ou formação fechada, que determinaria *a priori* o que é ser um *black bloc* e qual sua *práxis*: Não há uma cartilha que ensine como ser “membro do grupo” e, pela forma que se vestem (tampando os rostos), não se dá para saber quem é ou não *black bloc*: todos podemos sê-lo.

Podemos ser *black blocs*...

Podemos ser chapeuzinho... mas também podemos ser lobo mau.

## II. Ser ou não ser? O que é um *black bloc*, segundo uma autopercepção<sup>5</sup>?

De um modo geral,

*The Black Bloc can trace its historical roots all the way back to when—and wher-ever people compresing an oppressed class ou group militantly rose up against their oppressors. Elements of the particular tactics of the Bloc where previously utilized by the Weather faction of Students for a Democratic Society (the SDS) in North America during the “Days of Rage” in 1969. Specifically, the Bloc’s tactical aesthetic and more refined methods os State confrontation first began to concretely emerge in the 1980s Autonome movement in Germany (DEUSEN [Black Bloc Papers], 2010, p. 10).*

Tal movimento, que tem presença marcada onde quer que surja a necessidade das pessoas confrontarem o Estado, “originou-se” nos EUA, com o desenvolvimento de “táticas de guerrilha urbana” aprimoradas na Alemanha.

Segundo a autopercepção do autor do artigo, os *black blocs* são anarquistas... Caberia indagar se todo *black bloc* assim se enxerga. Independente disso, contudo, é crucial que notemos o fato de que *black blocs*, tal como narrado pelo autor em questão, atacam a propriedade privada e o capitalismo, não as pessoas (afinal, são lobos, não chacais!).

Ainda segundo o escrito analisado, os *black blocs*:

1) Buscam o progresso revolucionário (não se pretende apenas quebrar bancos, mas o capitalismo); 2) constituem um grupo informal que atua com ações radicais em protestos e movimentos sociais; 3) usam roupas pretas, com máscaras, para impedir a identificação e perseguição dos adeptos à tática; 4) participam das manifestações e demandas específicas dos movimentos e projetos de sua região; 5) Rechaçam qualquer estrutura formal e autoridade hierárquica: o grupo é uma aliança de pessoas independentes e/ou grupos de afinidades.

Vandalismo arbitrário nunca foi, nem é, a meta dos *black blocs*, segundo o texto em questão. A meta é o fim do capitalismo e da propriedade privada. O movimento, de um modo geral, é entendido como contracultura<sup>6</sup>, e tem como busca máxima quatro palavras de ordem (segundo a concepção desse autor, deve-se frisar uma vez mais): a rejeição da subjugação, da autoridade, do capitalismo e do *status quo* (idem, p. 12).

Mas que lobos maus!

---

<sup>5</sup> É importante deixar claro que esta seção corresponde a uma autopercepção, não representando a totalidade dos *black blocs*, nem, tampouco, representando os adeptos da tática no Brasil. Tal escolha (contexto estadunidense) só foi feita por não haver materiais (ao menos não foram encontrados pelo pesquisador) de grande repercussão, feitos pelos *black blocs* (alguns deles, não todos, visto que há divergências sobre sua auto representação no interior do grupo), no caso brasileiro.

<sup>6</sup>“*Counterculture, in our present context, must be understood not only contra the present form of Capitalism, but also for a liberated society free of the arbitrariness of masters and slaves*” (idem, p. 24): “*The counterculture is not a subculture, as a subculture is nothing more than a variant of the dominant culture insofar as it fails to reject the basic tenants of such*” (idem, p. 25).

Moleques<sup>7</sup> insolentes que mereceriam bom bocados<sup>8</sup>...

### III. As manifestações de junho e a criação e redefinição de inimigos (uma verdadeira alcateia...).

Em junho de 2013 algo curioso aconteceu: o Brasil passou por um momento de efervescência como a muito não se via. Motivada pelo aumento do preço das passagens do transporte público, a população (parcela dela) foi às ruas para protestar.

A mídia, de um modo geral (referimo-nos à mídia hegemônica), foi avessa a essa manifestação, criticando o ocorrido e taxando os manifestantes, *in toto*, como “vândalos”. Isso pode ser visto em jornais tidos como mais “progressistas”, voltados para a classe média, como a Folha de São Paulo<sup>9</sup>, bem como em jornais mais tradicionais, como o Estadão. Destacaremos aqui, contudo, apenas uma mídia, voltada mais para o tabloide, como a revista *Veja*.

Suas matérias tentaram, a todo custo, degradar as manifestações, deslegitimá-la, criticando suas causas (apenas vinte centavos de aumento nas tarifas do transporte público) e métodos (vandalismo).

Mesmo após a mudança da abordagem midiática (veremos, dentre em pouco, os motivos dessa mudança), a revista em questão tentou, ainda, combater a manifestação, sempre colocando como causa de todos os protestos um pífio aumento de vinte centavos<sup>10</sup>.

Curioso é o fato de que, mesmo mantendo uma visão mais conservadora sobre o tema, admitiu-se que houve um exagero na cobertura dos protestos e na maneira como todos os participantes foram taxados, *a priori*, como baderneiros e vândalos<sup>11</sup>, bem como a constatação de que não era apenas a tarifa do transporte público que motivava a ação dos “lobos maus”<sup>12</sup>.

A mudança da abordagem midiática é deveras curiosa.

Segundo a repórter da Folha, Giuliana Vallone, no já mencionado *workshop*, os editoriais dos

---

<sup>7</sup>Forma pela qual o (à época) jornalista do *Estadão* Bruno Paes Manso se dirigiu aos *black blocs*, no *workshop* “Mídia, Violência e Direitos Humanos nas Manifestações de Junho”. Desnecessário dizer que uma simpatizante dos *black blocs* não gostou da designação e hostilizou o repórter.

<sup>8</sup>Alusão à matéria publicada pela Folha de São Paulo, em que a filósofa Marilena Chauí afirma que os *black blocs* tem maior inspiração fascista que anarquista, mas que não passam de crianças pretensiosas, para quem dá vontade de dar bom bocados. Vide <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/08/1332434-black-blocs-agem-com-inspiracao-fascista-diz-filosofo-a-pms-do-rio.shtml> Último acesso dia 12/06/2014.

<sup>9</sup>Citemos, como exemplo, três matérias: 1) <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291146-atos-do-movimento-passe-livre-costumam-terminar-em-confronto.shtml>; 2) <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291116-manifestantes-deixam-rastro-de-vandalismo-na-regiao-central-de-sp.shtml>; 3) <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291111-apos-confronto-comerciantes-fecham-as-portas-na-regiao-da-paulista.shtml> Último acesso dia 12/06/2014.

<sup>10</sup>“Relembre a vertiginosa série de eventos desencadeada por um reajuste de 20 centavos”. <http://veja.abril.com.br/cronologia/protestos-no-brasil/index.html> Último acesso dia 15/06/2014

<sup>11</sup>Vide, por exemplo, <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/protestos-manifestacao-de-hoje-no-largo-da-batata-em-sao-paulo-poe-a-prova-capacidade-de-convivencia-civilizada-em-uma-democracia/> Último acesso 15/06/2014.

<sup>12</sup>Note em <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/manifestacoes-cartazes-de-manifestantes-mostram-a-grande-diversidade-de-reivindicacoes-e-protestos/> Último acesso dia 15/06/2014

jornais “ajudaram a puxar o gatilho dos policiais”, afinal (essa segunda parte não é ela quem diz), as pessoas não estavam acostumadas com protestos de tal magnitude, de forma que o boato e o medo tiveram um papel de antagonizar os protestos no início.

As pessoas e a mídia eram contra. Nada melhor, então, do que unificar os discursos, afinal, como relatara Michael Taussig em sua obra *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura* (1993),

Na relação social daquilo que é falado e daquilo que é publicado, do que é boato e do que é notícia de jornal, frequentemente chega um momento em que estes últimos não só dignificam, enquadram, condensam, generalizam e afirmam o primeiro, como, graças a isso, apresentam um espelho para a comunidade como um todo – é um meio de gerar e fixar a autoconsciência coletiva (Taussig, 1993, p. 51).

Dever-se-ia, pois, para combater esses indivíduos brutos (lobos maus), fazer com eles o que eles faziam (ou o que se dizia que eles faziam), isso é, usar da violência<sup>13</sup>. Nada melhor, para isso, do que usar-se da polícia militar, os *muchachos* do “Putumayo brasileiro”<sup>14</sup>.

Fez-se isso, e deu certo. Por pouco tempo.

Ainda segundo a supracitada repórter, a mudança da abordagem da mídia se deveu ao aumento da truculência policial, que, com seus tiros de balas de borracha, acabou atingindo “pessoas inocentes”, e não os “lobos maus” que estavam devastando a cidade. Atingiram, até mesmo, uma das porta-vozes das “pessoas inocentes” (no caso, a referida repórter).

Esse aumento da truculência fez com que a mídia passasse a questionar os atos da polícia e com que as “pessoas inocentes” fossem às ruas protestar (não apenas por vinte centavos!).

O aumento de manifestantes, por sua vez, fez com que a mídia novamente mudasse sua atuação: de opositora aos protestos passou a questionar a atuação policial (mas sem apoiar a manifestação) e, após esse último ocorrido (um contingente maior de participantes), começou a apoiar tal forma “democrática” de mostrar a indignação.

---

<sup>13</sup>Afinal, “Polícia usa violência para evitar violência de manifestantes”, além do fato de que “Polícia fecha a Avenida Paulista para evitar que manifestantes fechem a Avenida Paulista”, como foi coletado, de diversas chamadas e legendas de artigos, dos mais diversos jornais, pelo site Observatório da Imprensa. Vide [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma\\_virada\\_na\\_cobertura](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura) Último acesso dia 15/06/2014.

<sup>14</sup>Caso se quisesse estender a brincadeira/ relação com a obra *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*, de Michael Taussig, poderíamos relatar o fato, constatado pela revista Carta Capital, de que canais brasileiros de notícias (como Globo News, Record News e Band news) não transmitiram as manifestações, fizeram apenas pequenas menções e se focaram nos protestos na Turquia. Vide <http://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/protestos-em-sp-sao-ignorados-por-canais-de-noticia-a-cabo-7034.html> Último acesso dia 15/06/2014. Para se criar o terror, nada melhor do que o silêncio e o mito (boato) do ocorrido, passando uma ideia de “terra de ninguém” na área que estava ocorrendo os protestos, mostrando (pela ausência de notícias) que a polícia estava enfrentando um grupo de baderneiros, destruidores de propriedade privada – e tudo por meros vinte centavos!

No Brasil, o terror foi alimentado por um misto de boato e silêncio, assim como na região analisada por Taussig em sua obra.

Na verdade, ela sempre apoiou formas democráticas de protesto, como as manifestações. E sempre estivemos em guerra com a Eurásia. É óbvio!

Se agora as manifestações eram aceitas (como sempre foram, aliás), os manifestantes não eram mais os inimigos (do quê ou de quem é irrelevante).

Então, quem seria?

Era a hora de fabricar (novos) vilões.

#### **IV. Os *Black Blocs*: ovelhas negras ou lobos (maus) em peles de cordeiros?**

“O jornalista cria o monstro, depois é engolido por ele”

Daniel Piza, Estadão<sup>15</sup>

A primeira menção aos *black blocs* se deu no dia 16 de junho de 2013, pouco depois de os manifestantes como um todo deixarem de ser “inimigos jurados da aliança galática”, ou qualquer coisa que o valha<sup>16</sup>. Momento no qual necessitava-se de um outro inimigo...

Nada melhor do que construí-lo!

Usou-se, para tanto, não de partes de corpos, juntando-os num só indivíduo monstruoso, como o faria o doutor *Frankenstein*, de *Mary Shelley*. Nada disso. A melhor forma de construir o inimigo é usando-se de palavras. Palavras que criam.

Se a essência da palavra profética é a capacidade de “arrancar e arrasar... demolir e destruir, para construir e plantar” (Jr 1:10), o que dizer da palavra jornalística, que tem a capacidade de construir quem pode nos destruir<sup>17</sup> – os *black blocs*<sup>18</sup>?

Tal como foram construídos pela mídia, os *black blocs* são um grupo de vândalos (adjetivo que,

---

<sup>15</sup>Citado em <http://blogs.estadao.com.br/sp-no-diva/com-os-black-blocs-no-diva/> Último acesso dia 04/07/2014

<sup>16</sup>Caso se consulte no Banco de Dados da Folha, constatar-se-á esse fato. A primeira menção ao grupo em uma matéria se deu na data mencionada. Vide <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295714-servico-secreto-da-pm-diz-que-psol-recruta-punks-para-protestos.shtml> Último acesso dia 12/06/2014

<sup>17</sup>Desde que não reajamos. Mas podemos sempre contar com a proteção do Grande Irmão, personificado na pessoa de nossos governantes, e em seus *muchachos*, ou qualquer nome que queiramos lhes dar. Vide <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1353544-cabral-elogia-acao-da-pm-e-defende-acao-contr-black-blocs-no-rio.shtml> Último acesso dia 12/06/2014

<sup>18</sup>Embora eles existam e se definam a despeito da mídia, como vimos na seção II, pensaremos, nesse ensaio, segundo a concepção de que os *black blocs* noticiados pela mídia são criados pela própria mídia, não representam uma “realidade transcendental” (assim como a autopercepção de um *black bloc* é a construção de um *black bloc* segundo uma determinada visão).

pouco tempo antes, era usado para designar qualquer manifestante) mascarados que depredam o patrimônio público e privado, sem motivo aparente. Tentou-se, até mesmo, chamá-los de terroristas<sup>19</sup>.

A opinião pública foi colocada fortemente contra tais práticas<sup>20</sup>, embora um fato seja inquestionável: a população – que afirma, nas matérias citadas na nota anterior, que os protestos trazem mais prejuízo que vantagens – reconhece que protestos violentos (os mesmos que são condenados pela imprensa e pela opinião pública) são os únicos que chamam a atenção da mídia, e os únicos que conseguem uma resposta satisfatória das autoridades competentes<sup>21</sup>.

Os próprios jornalistas reconhecem tal ocorrência, pois “quanto mais violentos os atos, maior o destaque nas televisões e nos jornais. Veja que coisa: atos violentos são notícia. Atos pacíficos, não<sup>22</sup>”.

Independente disso, salta aos olhos a dinâmica da mídia, que criou novos “inimigos” a serem combatidos – e nada de diálogo<sup>23</sup>! Inimigos que eram, ora crianças desorientadas (“moleques”), ora baderneiros organizados em grupos terroristas; ora indivíduos das periferias, que cansaram da desigualdade e opressão, ora “riquinhos mimados” que não tinham motivos para se revoltarem.

Talvez os *black blocs* sejam tudo isso, afinal, são um grupo com diversos membros. Talvez não sejam nada do que foi retratado, ou apenas um pouco. Não importa, no entanto, pois já se conseguiu aquilo que era necessário: um inimigo.

A mídia, de um modo geral, tende a criar e romantizar seres que são apresentados como “criminosos”, “monstros” e/ou “inimigos”, os “outros”/“eles”, que antagonizariam as “pessoas de bem”, os “normais”, os “amigos”, ou seja, “nós”<sup>24</sup>.

Podemos dizer, assim, que o caso das manifestações e, mais flagrantemente – por que a mudança de “inimigo” foi inesperada e “abrupta” – dos *black blocs* não foram, pois, eventos isolados: há a necessidade de criar-se inimigos e mitos constantemente, para que se possa manter uma cultura do terror – para uma vez mais usar um termo caro a Michael Taussig – que “cria uma realidade incerta”

---

<sup>19</sup>Houve a tentativa, aliás, de aprovar uma lei, no Congresso Nacional, que puniria casos de terrorismo com uma pena deveras severa. A proposta foi “atrasada” para não passar uma mensagem errada no ano da Copa do Mundo. Vide <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not324978.shtm> Último acesso dia 16/06/2014.

<sup>20</sup>Após um período de apoio inicial. Vide, a esse respeito:

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/05/1459282-apoio-a-copa-divide-paulistanos-45-sao-a-favor-do-mundial-e-43-contras.html>; <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1455855-para-planalto-protestos-nao-vao-crescer.shtml>; <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1470890-black-blocs-estao-isolados-socialmente-afirma-mercadante.shtml> Último acesso dia 16/06/2014.

<sup>21</sup>Veja-se, por exemplo, <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,violencia-em-atos-ofusca-movimentos-pacificos,1092557> Último acesso dia 16/06/2014.

<sup>22</sup>Bruno Paes Manso em <http://blogs.estadao.com.br/sp-no-diva/com-os-black-blocs-no-diva/> Último acesso dia 04/07/2014

<sup>23</sup><http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,acao-do-oficial-fugiu-do-manual-de-regras-imp-,1090072> Último acesso dia 16/06/2014.

<sup>24</sup>Como trabalhado por Ramos & Paiva (2007). Uma análise sobre a forma como os indivíduos linchados eram retratados ao longo dos anos 1980, 90 e 2000 pela mídia, atentando para a forma como eles eram “construídos”, de modo a, por vezes, justificar-se os casos de justiça privada, foi apresentado no VIII Encontro Nacional da ANDHEP por Canesin & Blotta (2014).

(ibid, p. 126) devido, sobretudo, “a ficções tomadas como algo real” (idem, p. 127).

Mas seria essa realidade criada pela mídia muito diferente da criada pelos atores sociais envolvidos?

### **V. Autopercepção versus construção midiática: convergências e divergências.**

Como vimos no tópico II, a autopercepção de um *black bloc* a respeito de seu grupo, de seus membros e suas práticas passa pela visão de que são agentes revolucionários que pretendem combater o capitalismo e a propriedade privada. Enxergam-se como agentes libertadores, como heróis.

A abordagem midiática, por sua vez, trata os indivíduos em questão como seres rebeldes que tentam destruir aleatoriamente a propriedade privada num ciclo infundado de destruição. Não há menção a uma tentativa de destruir o capitalismo. Os atos são desprovidos de sentidos e seus perpetradores são vilões, criminosos, lobos maus.

Há, pois, uma diferença de abordagem, como não poderia deixar de ser: a mesma espécie de seres é vista pela mídia como “criminoso”, “baderneira”, “vilanesca”, enquanto se enxerga como heroica. Seriam os *black blocs* Robin hoods modernos?

A população, de um modo geral, no entanto, tenderia a enxergar tais manifestantes e seus atos “violentos” como inadequados e a vê-los com maus olhos<sup>25</sup>.

Independente dessa visão contrastante entre mídia e “nativos”, podemos constatar que ambos os lados descrevem os *black blocs* do mesmo modo, quanto à vestimenta e atuação: pessoas vestindo roupas pretas e cobrindo o rosto com máscaras, para não serem identificados e usando-se de “violência” (atos mais “radicais”) para atingir seus objetivos.

Em outras palavras, ambos os lados enxergam as mesmas coisas, mas atribuem significados diferentes a elas, fazendo, com isso, construções diferentes. Construções que são passadas, repassadas e perpetuadas através de palavras. Palavras que criam.

### **VI. Considerações finais para o começo de um debate**

Partindo do que discutiu-se a respeito da autopercepção dos *black blocs* e da forma como foram construídos pela mídia, atentando para o modo como houve uma “mudança” na maneira como eram percebidas e noticiadas as manifestações do período, tudo isso tendo sido ilustrado por exemplos advindos seja de uma publicação *black bloc* ou de jornais (ou revistas) de grande circulação e destaque estadual ou mesmo nacional, podemos fazer algumas indagações, iluminados pelas ideias levantadas por Michael Taussig em sua já mencionada obra.

Vemos, a princípio, a existência de uma necessidade, por parte da mídia, de construir antagonismos.

---

<sup>25</sup>Veja-se, por exemplo, a reação popular (de classe média) contra os *black blocs* durante as manifestações na abertura da Copa do Mundo FIFA, com a polícia sendo aclamada e os membros da tática de guerrilha urbana sofrendo intenso repúdio verbal/moral. <http://blogs.estadao.com.br/sp-no-diva/is-it-always-like-this-in-brazil-always-so-violent-demonstrations-cnn-sabia-que-iba-a-haber-tension-pero-esto-brutal-el-mundo/> Último acesso dia 04/07/2014

Há uma tendência conservadora e tudo aquilo que “desafie” o *status quo* é recriminado. Foi isso, aliás, o que aconteceu com as manifestações de junho, que foram, como discutido, rechaçadas como um todo, em um primeiro momento.

Com o aumento da truculência policial, a mídia passou a questionar a abordagem dos agentes de segurança, mas sem deixar de condenar as manifestações: tínhamos a truculência contra baderneiros, não “cidadãos de bem”.

A partir do momento que uma repórter (porta-voz das “pessoas de bem”) foi alvejada pela polícia, a mídia passou a condenar veementemente a abordagem empregada para coibir o protesto. Com o aumento de manifestantes nos atos (muitos deles indo protestar contra a truculência retratada pelos meios de comunicação), a mídia passou a apoiá-los, posto que não poderia, sem se desgastar, continuar com a condenação, afinal, grande parte dos leitores de tais veículos estavam nas ruas, dessa vez.

Se houve, como dito, uma mudança da abordagem da imprensa durante esses eventos, uma tendência permanece, e esta é a do tom conservador midiático. Não podendo questionar as manifestações (postas, então, como direitos democráticos), passou-se a questionar parte de seus participantes, aqueles que eram os mais “distantes”, diferentes no vestir-se (vestindo-se de preto e cobrindo as faces) e no agir, com atos tidos como violentos. Para eles foi distribuída a alcunha de “vândalos”, não mais para todos os manifestantes, como até então.

Construiu-se, por meio desses indivíduos, os inimigos que deveriam ser impedidos de agir, de destruir o patrimônio, de prejudicar as “pessoas de bem”: um “Outro” maligno, uma alteridade radical (ainda que usando pessoas de uma mesma cultura), para usar os termos de Mariza Peirano (1999).

Fez-se um jornalismo espetacular – um *Showrnalismo*, como diria Arbex (2001) – com uma riqueza de imagens que serviam única e exclusivamente para demonizar tais manifestantes. Em nenhum momento tentou-se construir ou permitir um debate que propiciasse visões mais razoáveis sobre os *black blocs* e sua tática.

Isso não era necessário, afinal, as imagens estavam lá, e elas os mostravam destruindo bancos e ônibus, algo que causaria transtornos à população, assim como, séculos antes, a quebra de máquinas nas fábricas causava transtornos aos trabalhadores (mesmo que também tenha sido responsável por conquistas como redução da jornada de trabalho, por exemplo). As imagens estavam lá, e uma imagem vale mais do que mil palavras.

O que dizer da pletora de imagens, então?<sup>26</sup>

Essa construção de “inimigos”, exemplificada pelo caso dos *black blocs*, serve para criar um clima de insegurança e medo, onde o silêncio momentâneo (a ânsia por mais notícias pode ser entendida

---

<sup>26</sup>Para uma salutar análise a respeito do papel do jornalismo espetacular que se vale de imagens, não de informação/debates, veja-se Fontenelle (2004) e seu estudo sobre a cobertura da mídia na guerra do Iraque.

como um momento de silêncio) e os mitos criados contribuem para o terror, que paralisa e desorienta. Não à toa, desde o começo da campanha contra os *black blocs*, vê-se que os protestos esvaziaram-se sobremaneira e, de um modo geral, a população passou a ver com maus olhos as manifestações, deixando de apoiá-las.

Impossível não enxergar uma relação com os índios de Putumayo, tal como retratado por Taussig, no qual, ao serem tratados como “selvagens”, “primitivos”, “canibais”, acabavam por endossar atos de “violência domesticadora” contra eles, assim como se endossa e justifica a atuação policial, ainda que truculenta, contra esses indivíduos que “quebram as coisas”. Não se pode ser truculento com “cidadãos de bem”, mas os *black blocs* não são “de bem”. São selvagens. *Aucas*. Tigres Mojanos. Lobos maus.

Mas quem tem medo do lobo mau?

É preciso que se diga, contudo, que uma outra abordagem, de uma mídia alternativa<sup>27</sup>, ou ainda a autopercepção dos “nativos”, não retrataria a “realidade”, a “verdade” sobre os *black blocs*, ao mostrá-los como “heróis” que combateriam o capitalismo e as injustiças (do mesmo modo como não seria “a verdade” tratar os índios como inocentes e gentis, como mostra Taussig). Eles são mais do que isso. E também menos.

Tais construções são discursos, e apenas isso. Alguns atribuem o valor de verdade a um, outros ao outro. Mas o valor de verdade atribuído não torna aquilo, em essência, uma verdade.

Não em essência... Mas como diria William Thomas, “Se os homens definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências” (apud COSER, 1980, p. 413): Consequências estas que levam os policiais a agredirem os manifestantes, a população a posicionar-se contra as manifestações, e a mídia a continuar a dizer quem são os amigos e quem são os inimigos, através de suas imagens que mostram (o que é mostrado é indiferente), e de suas palavras que criam.

Palavras que criam *black blocs*<sup>28</sup>, que criam inimigos, vândalos, baderneiros e selvagens: Lobos maus.

Mas quem tem medo do lobo mau?

---

<sup>27</sup>Como a mídia NINJA, que inovou por cobrir e transmitir as manifestações em tempo real, bem como diversos blogueiros que atuaram ativamente durante as manifestações, que não serão tratados nesse ensaio. Para uma discussão mais elaborada sobre a relação da “mídia hegemônica” com a “mídia alternativa”, com ênfase na ditadura midiática e sua “concentração”, veja-se Borges (2009), principalmente pp. 91-110

<sup>28</sup>Os *black blocs* são criados pela mídia e pelo seu próprio discurso, mas são criações diferentes, é importante uma vez mais lembrar. Os mesmos atos, muitas vezes, trazem percepções diferentes que geram interpretações (e reações) diferentes.

## Referências bibliográficas

- ARBEX Jr., José. *Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001
- BORGES, Altamiro. *A ditadura da mídia*. São Paulo: Anita Garibaldi/Associação Vermelho, 2009
- CANESIN, Eduardo & BLOTTA, Vitor. *Sobre espantalhos e corvos: sentidos do linchamento a partir da imprensa na democratização do Estado brasileiro*. In: VIII Encontro Nacional da ANDHEP, 2014. Disponível em [http://www.encontro2014.andhep.org.br/resources/anais/1/1398183050\\_ARQUIVO\\_SobreespantalhosecorvosentidosdolinchamentoapartirdaimpressanademocratizacaodoEstadobrasileiro.pdf](http://www.encontro2014.andhep.org.br/resources/anais/1/1398183050_ARQUIVO_SobreespantalhosecorvosentidosdolinchamentoapartirdaimpressanademocratizacaodoEstadobrasileiro.pdf)
- COSER, Lewis. “Tendências Americanas” In. BOTTOMORE, T. & NISBET, R. (orgs.). *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980
- DEUSEN, David. The Emergence of The Black Bloc and The Movement Towards Anarchism: “Get Busy Living, Or Get Busy Dyng”. In: DEUSEN, David & MASSOT, Xavier (orgs.). *The Black Bloc Paper*. Kansas: Breaking Glass Press, 2010
- FONTENELLE, Paula. *Iraque: A guerra pelas mentes*. São Paulo: Sapienza, 2004
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2013
- ORWELL, George. *A Revolução dos bichos – um conto de fadas*. Trad. Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- \_\_\_\_\_. *1984*. Trad. Alexandre Hubner e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- PEIRANO, Mariza. “Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada)” in MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, São Paulo/Brasília: Ed. Sumaré/Anpocs, 1999, vol. 1 (Antropologia), p. 225-266
- RAMOS, Sílvia & PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência. Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Paz e Terra, 1993